

A HETEROGENEIDADE MOSTRADA NA REVISTA DO PROFESSOR

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (UERN)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho interessamo-nos em estudar como os autores dos textos da Revista de Divulgação Científica – Revista do Professor – interagem com seu público e o papel que a heterogeneidade discursiva representa nesse processo. Surgem, pois, no momento desses estudos, inquietações que dizem respeito à estrutura composicional e significativa do Discurso de Divulgação Científica (DC). Percebemos ser esse um discurso que apresenta várias formas de heterogeneidade, por isso sentimos a necessidade de investigar como as vozes alheias se materializam nesse discurso, o qual traz vozes citadas de formas diferentes. Acreditamos, portanto, ser essa uma temática necessária, pois, de acordo com Bakhtin, o objeto de estudo das ciências humanas deve ser a palavra alheia, por ser essa palavra, o discurso citado, que constitui todos os discursos, e, todos esses discursos são articulações das múltiplas vozes sociais.

Dos estudos lingüísticos pós-bakhtinianos sobre a citação, enfatizaremos, aqui, os trabalhos de Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004) e Maingueneau (1993). Destacaremos o trabalho de Authier-Revuz, cuja autora, partindo de Bakhtin e Lacan, elaborou uma distinção no campo da heterogeneidade discursiva: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Para essa análise trabalharemos, tão somente, com a heterogeneidade mostrada marcada.

1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O Discurso de Divulgação Científica se singulariza pela maneira como constrói e delimita a si mesmo, pois se articula continuamente entre dois exteriores: o Discurso Científico fonte e os dizeres do grande público; sendo, portanto, um lugar privilegiado das práticas discursivas, em que marcas explícitas de heterogeneidade deverão, necessariamente, aparecer.

Tentar delimitar esse campo, ou seja, traçar a definição do texto de Divulgação Científica é uma tarefa complexa, pois, segundo Mora (2003), “cada divulgador tem sua própria definição de divulgação”. Apesar dessa dificuldade, a autora supracitada observa que “a divulgação é uma recriação do conhecimento científico, para torná-lo acessível ao público” (MORA, 2003, p.13). Já Pasquali (1979), entende por divulgação “o envio de mensagens elaboradas, mediante a recodificação de linguagens críticas a linguagens omnicompreensíveis, à totalidade do público receptor disponível”. (PASQUALI, 1979, p. 18).

Sendo assim, entendemos que, por se tratar de um modelo textual com peculiaridades próprias e tão relevantes, os textos de Divulgação Científica são os resultados de determinadas escolhas lingüísticas como, por exemplo, os usos da interrogação, da citação, dos verbos modais, dentre outros. A exploração de tais recursos pelo locutor tem como objetivo estabelecer um diálogo com o seu alocutário, e é por meio do uso destes mecanismos lingüísticos que o locutor irá permitir, na leitura, o engajamento enunciativo do alocutário, propiciando a circulação do texto de Divulgação Científica em diferentes meios sociais.

Na literatura atual, pudemos constatar que, na Divulgação Científica, usam-se termos como: difusão científica, disseminação científica, vulgarização científica, Divulgação Científica, popularização da ciência e comunicação pública em ciência.

É em Maingueneau (1993) que se pode ler que os discursos não nascem de uma volta às coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos. Isso quer dizer que, para que haja discursos, são necessários discursos e também outras condições, que são condições materiais, políticas dentre outras.

Para Zamboni (2001, p. xvii), a Divulgação Científica “É um trabalho de formulação de um novo discurso, que se articula, sim, com o campo científico e o faz sob variadas formas, mas que não emerge dessa interferência como o produto de uma mera reformulação de linguagem.” A autora considera o discurso da DC uma prática discursiva particular, distinto do gênero do discurso

científico, autônoma tanto quanto qualquer outro discurso possa ser. Assim, entendemos que o discurso da DC constitui um discurso específico, resultado de um efetivo trabalho de formulação discursiva, no qual se revela uma ação comunicativa que parte de outro discurso e se dirige para outro destinatário, ou seja, a DC constitui um discurso particular, no conjunto dos demais discursos das diferentes áreas de funcionamento da linguagem; sujeito, portanto, a condições de produção bastante diversas daquelas que cercam o discurso científico.

De acordo com Orlandi (2001), o discurso de Divulgação Científica não é uma soma de discursos: ciência mais jornalismo igual Divulgação Científica. Ele é uma articulação específica com efeitos particulares, que se produzem pela inunção a seu modo de circulação. Não se trata de tradução, pois a Divulgação Científica é relação estabelecida entre duas formas de discurso – o científico e o jornalístico – na mesma língua e não entre duas línguas.

Para a DC, que tem no discurso da ciência uma de suas mais fortes fontes, foi inevitável levar em conta a interferência da mudança do destinatário, que está implicada no processo de recodificação de um para outro discurso.

2 HETEROGENEIDADE: A VOZ DO OUTRO NO DISCURSO DO UM

Na perspectiva da teoria bakhtiniana, há a presença da voz do Outro em todos os discursos. Assim sendo, o discurso de Divulgação Científica está permeado pelas palavras alheias. As formas como essas vozes apresentam-se nos discursos foram, primeiramente, discutidas por Bakhtin (1979), quando este autor organizou a sua teoria, trabalhando as formas de citação das outras vozes na narração, apontando-as como Discurso Direto (DD), Discurso Indireto (DI) e Discurso Indireto Livre (DIL). Baseando-se nesses estudos, vários foram os autores que aprofundaram essa discussão, questionando e estudando, portanto, a heterogeneidade presente nos textos ou nos discursos.

Ao teorizar sobre o discurso de outrem, Bakhtin (1995) o via como um problema de sintaxe, o que, até aquele momento, correspondia a uma lacuna nos estudos lingüísticos, que não priorizavam a sintaxe. Os estudos lingüísticos elaboravam, tão somente, categorias de análise fonética e morfológica. Entretanto, Bakhtin considerava que os problemas de sintaxe eram muito importantes, uma vez que são “as formas sintáticas as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação” – os enunciados – fundamentais para que haja compreensão da língua e de sua evolução. (BAKHTIN, 1995, p.139-140).

A partir de então, surgem novas formas de estudo da comunicação verbal e de resolução dos problemas da sintaxe. Assim, fica clara a importância de um estudo do discurso citado para compreender o estudo do diálogo, “uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem [...]”. (BAKHTIN, 1995, p.146).

As reflexões teóricas da obra do Círculo de Bakhtin já demonstram as contribuições para a compreensão do aspecto constitutivamente heterogêneo da linguagem humana, quando Bakhtin observa que, ao mesmo tempo em que se considera a imagem do interlocutor (o outro), todo discurso se constrói pela relação com outros, que, assim, se estabelecem como seu exterior constitutivo. Podemos entender melhor essa discussão com o célebre conceito de discurso citado, elaborado por Bakhtin (1995, p. 144): “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”.

Esses discursos, os de outrem, podem entrar no discurso “do um” e na sua construção sintática. Mesmo assim, o discurso citado preserva sua autonomia estrutural e semântica sem com isso alterar a trama lingüística do contexto que integrou. O discurso citado é a enunciação de uma outra pessoa, independente na origem, situada fora do contexto narrativo. Mediante essa autonomia, o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo.

Ao abordar o problema da citação, aparecem diferenças essenciais sobre o processo de recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão, no interior de um contexto. Esse processo passa, segundo os autores, pela análise do discurso interior, no qual se realizam duas operações: a preparação de uma réplica interior e de um comentário efetivo. Para Bakhtin (1995), toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior.

É impossível compreender qualquer forma de discurso citado, divorciado do contexto narrativo. Dessa forma, o verdadeiro objeto de pesquisa é a inter-relação dinâmica entre o contexto narrativo e o discurso citado.

2.1 A heterogeneidade discursiva na perspectiva de Authier-Revuz

Para explicitar a heterogeneidade nos discursos, Authier-Revuz (2004) recorre aos mesmos fenômenos já discutidos por Bakhtin: as formas sintáticas do discurso indireto, do discurso direto e do discurso indireto-livre, enfocando que designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação.

A autora supracitada entende a heterogeneidade como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada (sendo essa marcada ou não marcada). Na heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz propõe, então, dois tipos de enunciados: aqueles que mostram a heterogeneidade com marcas explícitas e aqueles cujas marcas não são mostradas. Ao confinar o Outro a um fragmento discursivo, marcado explicitamente, delimitando o lugar do outro, o locutor institui todo o resto do discurso como emanado dele próprio. O fragmento marcado pelas formas de heterogeneidade mostrada assume, dessa maneira, um outro estatuto. Através desse procedimento, o locutor manifesta uma concepção de seu próprio discurso como um fato homogêneo, fazendo acreditar que o outro não está em todo discurso, e, assim, pela posição metalingüística em que se coloca, define sua capacidade de separar o seu discurso do discurso do outro. (Cf. BENITES, 2002).

Assim, na heterogeneidade mostrada, a alteridade exhibe-se ao longo do processo discursivo. E, através da inscrição do outro, na cadeia discursiva, altera-se, dela, a unicidade aparente, pois aí inscreve o outro. Podemos dizer que são formas lingüísticas que representam diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. Isso não quer dizer que haja uma independência entre as duas formas de heterogeneidade; ao contrário, as duas formas mantêm-se ligadas.

Authier-Revuz (2004, p. 71 – 72) levanta a seguinte hipótese:

A heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é ‘independente’: ela corresponde a uma forma de negociação – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva – inelutável, mas que lhe é necessário desconhecer; assim, a forma ‘normal’ dessa negociação se assemelha ao mecanismo da denegação.

O tipo de relação existente entre as duas formas de heterogeneidade (mostrada e constitutiva) apresenta-se como uma forma de negociação realizada, a partir da figura do sujeito por meio desse mecanismo designado de denegação.

3 ASPECTOS DA HETEROGENEIDADE MARCADA NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Com base nos trabalhos de Bakhtin, centramos a análise dos artigos de Divulgação Científica, na terceira fase da Análise do Discurso (AD-3), exatamente, por essa fase nos apresentar uma concepção de sujeito compatível com uma noção de discurso marcada pela heterogeneidade. Nessa perspectiva, analisamos o sujeito, como heterogêneo, pela possibilidade de identificarmos, em sua fala, outras vozes que também falam, observando que o sujeito situa o seu discurso em relação ao discurso do outro. É assim que, em nossas análises veremos como a linguagem se distancia do pólo dicotômico do estruturalismo saussuriano e como se apresenta heterogênea.

3.1 As formas da heterogeneidade marcada: o discurso relatado

Sabemos que a heterogeneidade não é própria, tão somente, da Divulgação Científica; sendo assim, não podemos compreendê-la como uma marca que caracteriza o discurso de Divulgação Científica, pois, de acordo com Bakhtin (1997), o discurso relatado está presente em todas as produções discursivas.

Pensando nisso, propomos mostrar o discurso relatado em matérias divulgadas nas revistas, observando como o locutor, jornalista ou pesquisador, expressa o discurso do outro, a partir das duas formas mais utilizadas, encontradas no nosso *corpus*: o discurso direto (DD) e o discurso indireto (DI).

3.2 As formas da heterogeneidade marcada e sua relação com o produtor do texto

3.2.1 O discurso relatado direto

Podemos ver na literatura lingüística que o discurso direto indica uma outra posição, um outro significado, um outro valor axiológico, advindo do discurso do outro. O DD vem separado da fala do autor por meio de aspas, dois pontos, travessões, itálico ou verbos *discendi*, por exemplo.

Assim, o produtor pesquisador, do texto marca esse discurso do outro, como forma de provar sua neutralidade diante do que está sendo dito, ou marcar a origem do discurso ou o direito autoral.

[1] Texto C.13 – 2004

[...] escrever, **como dizia Clarisce Lispector**, é lembrar-se do que nunca existiu. Escrever, segundo Roland Barthes, é espantar-se.

[2] Texto C.13 – 2004

Como diz Gene Fowler, *escrever é fácil: tudo o que você precisa fazer é sentar-se e encarar uma folha de papel em branco até que brotem gotas de sangue em sua testa.*

A presença do discurso relatado direto, nesses exemplos, também funciona como uma estratégia para auxiliar na construção do ponto de vista dos produtores do texto. Esses produtores trazem essas vozes, unem-se a elas mesmo sendo elas destacadas do seu discurso (por aspas, por exemplo), o produtor as utiliza como um argumento de autoridade. Assim, cria uma autenticidade no seu discurso, indicando que as palavras relatadas pela escritora, no exemplo [1] foram realmente proferidas por ela.

Observamos, ainda, em vários casos; o Discurso Direto sendo introduzido como um discurso indireto. Vejamos:

[3] Texto C.1 – 2006

De acordo com Reverbél, *“as atividades de expressão inscrevem-se num contexto contemporâneo e social.”*

O produtor pesquisador, introduz de forma indireta as outras vozes. Mas na tentativa de dar sustentabilidade ao seu dizer; e, para fundamentar, cada vez mais, a sua afirmação, ele utiliza-se do discurso do próprio informante, cita-o literalmente, na perspectiva de complementar o seu dizer.

3.2.2 O discurso relatado indireto

Uma presença maior do discurso relatado indireto apareceu nas matérias da RP, escritas por pesquisadores. 73,80% das outras vozes trazidas para o texto vieram de forma indireta. Para Bakhtin, o discurso indireto é uma transmissão analítica do discurso de outrem. Como vimos no corpo do nosso trabalho, este autor apresenta duas variantes do discurso indireto: o discurso indireto analisador de conteúdo, que se apresenta, na maioria das vezes, em textos dogmáticos, e o discurso indireto analisador da expressão, que exemplificamos a seguir:

[4] Texto C.1 – 2006

Ainda segundo Elias José, a escola, por querer fazer da leitura literária mais um motivo de aprendizagem, sempre privilegiou histórias e poemas moralistas e patrióticos, com desprezo ao meramente lúdico e estático. E é impossível não enxergar que nossa literatura mudou. Está mais rica e incentivada, instaura a beleza e a dúvida, veicula idéias sem panfletismo. Não **quer fazer a cabeça**, mas premiar a curiosidade e as interrogações. [...].

Aqui, neste exemplo, vimos que o enunciado citante integrou, na sua construção indireta, palavras e sentido do discurso citado. Essas palavras destacadas, do discurso direto, aparecem como relevo no discurso indireto, integra, nessa construção indireta, o modo de dizer do outro, a sua subjetividade. Destacamos, aí, o DI, analisador da expressão.

Ainda refletindo sobre o DI, vemos, nas matérias de DC, formas diferentes de marcar a introdução do discurso indireto.

[5] Texto C.3 – 2006

Sandroni e Machado relatam que é na infância que se transformam as atitudes. Ouvindo histórias, as crianças se identificam com este ou aquele personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida, e isso pode ajudá-la a resolver seus problemas [...].

[6] Texto C.3 – 2006

Numerosos estudos têm mostrado que, ao compartilharmos a leitura de um livro com as crianças pré-escolares, não apenas se cria uma atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem [...].

[7] Texto C.3 – 2006

Segundo Teberosky e Colomer a literatura de histórias apresenta particular importância para o desenvolvimento do vocabulário e para compreensão de conceitos, bem como para o reconhecimento da linguagem escrita nos diferentes portadores e suportes de texto. [...].

[8] Texto C.5 – 2005

Abramovich ressalta a importância de ouvir histórias para a formação de qualquer criança.

[9] Texto C.6 – 2005

Aliados a essa compreensão estão os conhecimentos produzidos a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita. **Tais estudos** possibilitam o entendimento do erro como uma etapa construtiva no processo de aquisição da língua escrita, bem como [...].

[10] Texto C.8 – 2006

Neste período, **como aponta a autora**, dois fenômenos contribuíram para a difusão do gênero infantil de literatura [...].

Nos exemplos supracitados, a introdução do DI não aparece só com verbos de elocução, mas também, com outros que incorporam o sentido de um ato verbal. No exemplo 9, a introdução não é marcada por um verbo, mas pela referência ao enunciado citado. Nos exemplos 6 e 9, os enunciados são incorporados para dar sustentação ao ponto de vista do autor, e, da mesma forma complementa o seu dizer.

Para apresentar, claramente, a presença do discurso direto e do discurso indireto, nos nossos dados, especificamos a presença destas formas de discurso citado em cada texto da revista. Mostramos

o total de linhas que formam os textos da revista e o total de linhas de outras vozes existentes nas matérias que formam o nosso *corpus*.

Tabela 1: Total de linhas dos textos do *corpus*

REVISTAS	NÚMERO DE LINHAS DOS TEXTOS
Revista do Professor	1416

Na tabela 01, temos a quantidade de linhas dos textos da revista, para assim podermos fazer uma relação do número geral de linhas dos textos da revista com o número de linhas que veiculam as outras vozes, seja na forma de DD, DI ou de DD + DI, como podemos ver, a seguir, na tabela 2.

Tabela 2: Total de linhas com Discurso Citado, nos textos da **Revista do Professor**

CÓDIGO	Discurso Direto	Discurso Indireto	Discurso Direto+Indireto
C.1	12	17	-
C.2	6	11	-
C.3	-	60	-
C.4	-	6	-
C.5	24	18	-
C.6	5	5	-
C.7	4	13	-
C.8	-	9	-
C.9	3	3	-
C.10	4	24	3
C.11	2	32	-
C.12	-	1	6
C.13	2	1	-
TOTAL	62	200	9

Essa é a realidade explicitada no nosso *corpus*. A grande incidência da heterogeneidade mostrada, marcada, na Divulgação Científica, foi muito presente durante as leituras desse veículo de divulgação. Dependendo do produtor da revista, percebemos uma menor ocorrência do discurso do outro, ou seja, percebemos essa grande diferença no número de ocorrências de discurso direto ou discurso indireto ou parágrafos construídos com a junção das duas formas de discurso: DD + DI, em cada matéria, como podemos ver, nas tabelas, acima.

Vamos apresentar, em seguida, gráficos que evidenciam, separadamente, o número total de linhas que formam os textos da revista e o número de linhas, em que consta o discurso citado (DD, DI e DD+DI), dentro desses textos.

- REVISTA DO PROFESSOR

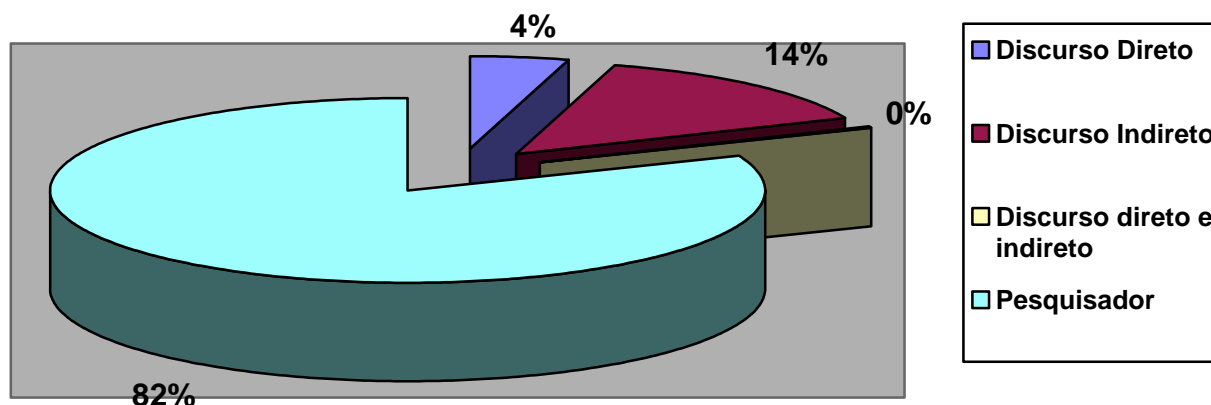
Número total de linhas dos textos do *corpus* da RP: 1416 (um mil quatrocentas e dezesseis) linhas

Total de linhas do discurso do pesquisador: 1145 = 82 %

Total de linhas de DD, na RP: 62 (sessenta e duas) linhas = 4 %

Total de linhas de DI, na RP: 200 (duzentas) linhas = 14 %

Total de linhas de DD + DI, na RP: 9 (nove) linhas = 0 %

Gráfico 1: Total de linhas de todas as vozes do *corpus* da RP

3.3 As formas de heterogeneidade marcada e sua relação com as condições de produção dos jornalistas e dos pesquisadores

3.3.1 Revista do Professor

A perspectiva da revista é divulgar o conhecimento acumulado pela ciência e produzido por professores-pesquisadores que escrevem, a partir da leitura dos teóricos e de suas experiências. A heterogeneidade mostrada apresenta-se, aqui, através das outras vozes, as quais o produtor do texto faz referência às vozes de outros autores, teóricos e especialistas, na perspectiva de discutir e apresentar as pesquisas mais recentes, apoiadas em teorias reconhecidas. Os autores dos artigos da Revista do Professor são profissionais atualizados, ou seja, escrevem embasados em teorias recentes, em conhecimentos produzidos pela ciência. Aproveitam esse veículo para publicar as suas produções acadêmicas, as suas discussões sobre a ciência e as discussões científicas mais recentes. E nós, na condição de professores de língua materna, reconhecemos de imediato, a atualização constante dos produtores da revistas, pois podemos perceber que, na escritura das matérias, há uma preocupação para não fugir das concepções de linguagem e das novas abordagens sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ou pelas teorias mais utilizadas nas academias. Veja os exemplos abaixo:

[11] Texto C.5 – 2005

A leitura, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e em tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão.

[12] Texto C.5 – 2005

Os PCN sugerem que os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; [...]

[13] Texto C.8 – 2005

[...] como fala Zilberman, passando a se preocupar mais com sua segurança e educação.

Assim, apresentam-se todas as matérias da RP, justificadas ou argumentadas a partir de teorias aprovadas pela academia, pelas instituições de ensino e pelo público alvo da revista, que é o professor.

Os artigos que constituem essa revista apresentam, na primeira parte, o referencial teórico, ou seja, o estado da arte da temática que está sendo discutida e, na sua segunda parte, respaldados na teoria, os autores apresentam o objeto da pesquisa, através de uma sugestão de atividades, como forma de divulgar o conhecimento produzido por eles. São textos produzidos com todos os critérios de cientificidade, de acordo com as normas da ABNT.

A Revista do Professor, produzida por pesquisadores para professores e educadores, traz a autoria sempre referida, explicitada e qualificada no próprio texto, sendo esta assumida por docentes de vários níveis de ensino. Aparece da seguinte forma:

[14] Texto C.1 – 2005

MARILETE CALEGARI CARDOSO. Pedagoga. Pós-graduada em Psicomotricidade Relacional. Bacharelada em Psicanálise. Professora de Educação Infantil e Metodologia da alfabetização. Jequié: BA. E-mail calegari@uesb.br.

Assim, constatamos que os textos de Divulgação Científica produzidos por autores pesquisadores tendem a reproduzir a superestrutura dos textos científicos. Vez que, esses autores pesquisadores utilizam muitos termos científicos e nem sempre se preocupam em torná-los compreensíveis ao leitor não-especialista.

Todos os títulos das matérias veiculadas na RP são formados por duas frases. A primeira frase formada por três palavras que informam a temática e a segunda frase resume o conteúdo do texto. Isso faz com que antecipe o benefício que o interlocutor terá ao fazer a leitura do texto. Assim, vemos, nos exemplos a seguir:

[15] Texto C.2 – 2006

Ficha de leitura. Recurso auxilia aluno a explorar, compreender e interpretar textos

[16] Texto C.3 – 2006

Contação de histórias. Importante recurso para o desenvolvimento da linguagem da criança.

[17] Texto C.4 – 2006

Identidade e fantasia. Trabalhando em classe com obras de literatura infanto-juvenil

Esse recurso, de título com caráter “publicitário”, chama a atenção do leitor. Com apenas três palavras, em forma de manchete o produtor atrai a atenção do leitor, convida-o, de forma rápida, a ler o texto e já antecipa a utilidade desse.

4 O LEITOR PREVISTO PELO PRODUTOR

Os gêneros têm uma concepção de autor e destinatário que lhe é constitutiva. Dadas as condições de produção e circulação do discurso de Divulgação Científica, nas revistas, os autores e leitores não se conhecem, não estão em uma relação de interação face-a-face. É, somente, a partir das enquetes feitas pelas empresas, que o autor faz uma projeção, tem um conhecimento “virtual” dos seus possíveis leitores, faz uma idéia do perfil do seu público. A forma como a RP é escrita aparece como que direcionada para pares. Traz um pouco das características de artigo científico; e a imagem que o produtor da matéria tem do professor, o seu interlocutor, é a de um professor que é um leitor de textos acadêmicos. Quando dizemos que o produtor das matérias da RP escreve para os pares, e, por isso, é que os textos têm marcas do artigo científico, é porque o produtor/colaborador da revista é sempre um professor especialista, um mestre ou um doutor, que apresenta os novos conhecimentos da ciência.

De acordo com Rodrigues (2001, p. 135) “A projeção do interlocutor e de seu fundo aperceptivo (os seus valores, posições etc.) orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor.”

A RP faz uso de normas já cristalizadas, para que seu discurso seja legitimado pelo seu público leitor. Vejamos:

[18] Texto C.2 – 2006

Na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre este contexto e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito. É assim que Paulo Freire se manifesta em seus estudos sobre a importância da linguagem, da palavra, do ler e do escrever.

[19] Texto C.3 – 2006

Feuerstein, McBride e Levy citados no livro de Gerber, referem que às crianças devem ser dadas as oportunidades de recortar, contar e relatar eventos com experiências de aprendizagem intermediadas, visando a promover o crescimento conceitual, linguístico e pragmático.

Como vemos nestes exemplos, a Revista do Professor não utiliza falas do senso comum; faz uso de referências já aprovadas na academia, como dissemos anteriormente, apresentando o pensamento de grandes pensadores da educação, como forma de ganhar cada vez mais a adesão dos professores e, assim, garantirem a leitura do seu texto.

CONCLUSÃO

A partir das discussões teóricas, ficou definida a nossa concepção de discurso de DC, como sendo um processo pelo qual o sujeito, que realiza a atividade de informar o conhecimento que foi produzido pela academia, formula, em uma nova ordem, o conhecimento da ciência. É um outro discurso, mas não uma reformulação, nem uma tradução. Essa produção escrita de um novo jeito, não perde, no caso da RP, os critérios de cientificidade. Compreendemos que passa a ser um novo discurso pelo fato de não se observar, nas citações que aparecem em discurso direto, nos textos de DC, citações idênticas com as vivenciadas na teoria científica. Elas já se apresentam como vulgarizadas, no discurso científico. A “voz” do cientista já é uma voz que não coincide com a do discurso da ciência. É um trabalho exercido por um sujeito enunciativo ativo, e não simplesmente assujeitado aos discursos prévios que traz para o seu discurso, entre os elementos disponíveis na língua, aqueles que melhor atendem as suas intenções comunicativas.

A dialogicidade, constitutiva de toda linguagem, existente entre esses textos do Conhecimento Científico e da Divulgação Científica, apresenta, aqui, no nosso *corpus*, as outras vozes que se materializam nos enunciados. Assim, percebemos como esses enunciados da DC relacionam-se com o já-dito (Conhecimento Científico), atualizando as vozes sociais e os seus valores axiológicos. Essa trama acontece numa cadeia de responsividade, quando, ao trazer as outras vozes para o seu discurso, os produtores pesquisadores reivindicam para o seu texto: adesões, críticas e outros dialogando todos os seus dizeres.

Na perspectiva de compreendermos como o locutor, ao usar suas próprias palavras, expressa através da heterogeneidade mostrada, o discurso de um outro, investigamos na DC, as diferentes formas de marcar essa heterogeneidade, através do discurso relatado direto e indireto, relacionando-as com a imagem que o produtor faz do interlocutor.

Os pesquisadores, autores da Revista do Professor, utilizam-se mais, de forma indireta, do discurso da ciência. Esses pesquisadores citam de forma indireta o posicionamento de autores-escritores, ou pesquisadores renomados da academia, como forma de justificar o seu discurso. Assim, concordamos que o DD e o DI, como formas de transmissão do discurso do outro, contribuem para a dialogização das matérias de DC.

Ao investigarmos como o discurso da Divulgação Científica retoma o que dizem as novas concepções de linguagem, vimos que pesquisadores que estão próximos da academia falam como autores, sobre um mesmo tema. Para organizarem as suas matérias trazem as discussões mais recentes sobre a linguagem; e divulgam um conhecimento atualizado com as pesquisas mais inovadoras. Os pesquisadores, escritores da Revista do Professor, preocupam-se em apresentar, ao final das suas matérias, a bibliografia consultada, como forma de comprovar a veracidade e atualidade das suas informações. Assim, a maior ou menor incidência das marcas lingüísticas (léxico, citação, aspas...) do discurso do outro, presentes no discurso da DC, indica as diferentes perspectivas das comunidades produtoras desses textos.

É possível constatar que as revistas de Divulgação Científica oportunizam uma aproximação do conhecimento científico que é produzido na academia e nos laboratórios dos pesquisadores com o grande público, pessoas que buscam as novidades das ciências. Por isso, concordamos que esse saber, construído com critérios de cientificidade, e, em seguida, aprovado pelos pares de uma academia, precisa dialogar/interagir com o conhecimento construído nas relações intersubjetivas e aproximar-se de outros interlocutores que não sejam, tão somente, as pessoas que têm uma vivência acadêmica. Entendemos que, para o saber científico ter a sua eficácia, é preciso que se aproxime de todas as realidades, para que haja uma troca desses conhecimentos de mundo.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez.1990.
- _____. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- _____. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, (2002)
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.
- GOMES, I. M. A M. G. **O discurso do outro na divulgação científica**. In: FECHINE, Y. Caderno de Textos Produção de Sentidos nas Mídias – Campos: Recife: Fasa, 2003. pp. 89-103.
- GRILLO, S. V. de C. **O dialogismo constitutivo da Divulgação Científica**. Proceedings XI International Bakhtin Conference - Curitiba, 2004.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. (Linguagem-crítica)
- MASSARANI, L., MOREIRA, I. C. e BRITO, F (Org.). **Ciência e Público: caminhos da Divulgação Científica no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2002.
- MORA, A. M. S. **A Divulgação da Ciência como Literatura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- OLIVEIRA, M. B. F. de. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em Lingüística Aplicada. **Revista da ANPOLL**. n. 13. São Paulo. jun./dez., 2002.
- ORLANDI, E. P. Divulgação Científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**: estado, mídia, sociedade. Campinas – SP: Pontes, 2001. 1v.
- PASQUALI, Antonio. **Compreender la comunicación**. Caracas: Monte Ávila Editores, 1978.
- SMOLKA, A. L. B.; GENTIL, M. S. Duas revistas, três artigos, múltiplas vozes: um estudo sobre modos de dizer e posições sociais em textos de professores. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 63, p. 193-213, maio/ago., 2004.
- ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a Divulgação Científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da Divulgação Científica. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.